

O QUE DIZ A LEI

A advogada especialista em direito de família e sucessões e presidente da Comissão de Direito das Famílias e Sucessões da OAB/DF, Liliana Marquez, explica que a guarda unilateral deve ser considerada quando estiver de acordo com o melhor interesse da criança.

Para determinar se um dos pais deve ter esse tipo de guarda, são avaliados aspectos como provas de capacidade, quando o pai deve demonstrar que tem condições de prover as necessidades físicas, emocionais e educacionais da criança; histórico de convivência, que é evidenciar a relação existente entre o pai que busca a guarda e a criança; situação do outro genitor, em que devem ser apresentadas evidências de que o outro genitor não tem condições adequadas

ou está ausente. A partir disso, são feitas audiências e pareceres com assistentes sociais e psicólogos.

Para que um dos pais se torne o único responsável por uma criança existem alguns caminhos:

- Acordo amigável: deve ser formalizado por meio de um advogado, determinando as condições e a anuência da mãe. Em seguida, o acordo deve ser submetido ao juiz para homologação, assegurando que todos os direitos da criança sejam respeitados. É necessária também a apresentação de documentos que comprovem a capacidade do pai e a desistência da mãe.

- Ação judicial: quando não há anuência da mãe, o pai deve ingressar com uma ação de guarda unilateral. A

mãe terá o direito de apresentar sua defesa e contestar os argumentos do pai. O juiz pode determinar perícias e estudos sociais para avaliar a situação da criança e decidir o que é melhor para ela. A partir disso, e com base nas evidências, o juiz tomará a decisão.

Não é uma prática comum que a Justiça tire a guarda da mãe por completo. "Não é comum. A Justiça brasileira tende a preferir a guarda compartilhada, salvo em casos em que um dos pais demonstra claramente ser incapaz ou perigoso para a criança", comenta Liliana.

Ela comenta que historicamente é mais comum encontrar casos de homens que abrem mão ou não exercem seus direitos como pais. A ausência maternal é mais rara, mas acontece.

“Era uma criança super saudável até então. Levamos em todos os médicos possíveis e ninguém conseguia descobrir o que Dudu tinha. Foi assustador, a gente não sabia mais o que fazer e, quando ele tinha 3 anos e 1 mês, descobrimos que ele tinha um tumor cerebral”

Eduardo Soares Dutra Vasconcelos,
51 anos, pai de Dudu, 12

O Padre Valdinei perguntou se podia ajudar, e Eduardo contou sua história. O religioso disse que iria com ele até o hospital rezar por Dudu. Ao descobrir que a criança ainda não tinha sido batizada, faria o sacramento naquele mesmo dia. E assim foi.

Eduardo lembra que ele, a mãe, os avós e os padrinhos de Dudu se reuniram ao redor do leito da criança. “Fechei os olhos e, quando abri novamente, vi uma luz intensa acima do meu bebê, que estava de olhos abertos, olhando em direção a essa luz. Naquele momento, eu soube que, independentemente do tempo, ele ficaria bem.”

As preces de Eduardo foram ouvidas. Foram 93 dias de coma induzido, mas Dudu saiu do hospital. “Eu conversava com ele todos os dias, vendi minha lanchonete e passava 24 horas por dia ao lado do Dudu. Dizia que o papai estava ali com ele, que iríamos tomar as vitaminas que ele tanto gostava. Massageava os dedinhos dele, o pezinho e garantia que sempre estaria com ele.”

Cuidados diários

Os dias de hospital foram seguidos de um intenso período de homecare. Dudu era alimentado através de uma sonda, passou por mais sete cirurgias ao longo dos anos, inúmeras terapias de reabilitação, acompanhamento no Hospital Sarah e no Hospital da Criança, rádio e quimioterapia. Aos 10 anos, foi considerado curado do câncer.

A vida de Eduardo, que passou a morar com Dudu e os pais quando o filho tinha 4 anos e pôde sair do hospital, virou de cabeça para baixo. Até o seu atual trabalho, vendendo alimentos no Mercado do Produtor Rural do Jardim Botânico, foi inspirado pelo filho, que todo

sábado está com o pai na feira.

Para que Dudu tivesse uma alimentação saudável, mesmo que por meio de sonda, que ele só pôde tirar aos 8 anos, o empresário se especializou na produção de orgânicos e, até hoje, mantém esse foco. Quando o filho estava na escola, Eduardo ia na hora do lanche e, em uma sala separada, colocava os alimentos na sonda. Hoje, a vitamina é dividida entre os dois, que a tomam com prazer. “Dudu é um milagre. Ele está comigo e eu com ele para sempre. É um prazer fazer a vitamina dele todos os dias e garantir um alimento que possa nutri-lo.”

Além de todos os desafios que uma criança com cuidados especiais traz, Eduardo fazia tudo sozinho. Apesar do apoio da família, que ele faz questão de ressaltar, as funções diárias eram sempre entre pai e filho. Eduardo nunca perdeu uma consulta, e em todas as sessões das diversas terapias esteve presente. Hoje, busca o filho na escola e o leva em todas as atividades extracurriculares. Os dois são parceiros também no lazer, adoram tomar banho de cachoeira, fazer trilhas e andar de bike.

Eduardo ressalta o apoio do pai, que morreu no ano passado, durante toda a vida de Dudu. E comenta que, mesmo que o filho não tenha uma convivência frequente com a mãe, ele tem na avó e na tia figuras maternas que o cobrem de amor e carinho. Hoje, o garoto está no sétimo ano, tem algumas sequelas, mas vive feliz com o pai e a avó. Ele faz natação, atletismo, catequese e um curso de design de jogos.